



## A VITÓRIA PARAGUAIA EM RIACHUELO: REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA PARAGUAIA DE TRINCHEIRA SOBRE A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO\*

A história<sup>1</sup> é feita de versões, seu caráter é subjetivo e por tal motivo o historiador é um selecionador. Esta máxima da subjetividade histórica encontra respaldo no meio acadêmico há muitas décadas, desde a ascensão de uma perspectiva historiográfica que visou compreender os acontecimentos a partir de uma lógica do não absoluto e da multiplicidade de olhares.

De fato, tal caminho, muitas das vezes tortuoso e repleto de implicações de caráter ideológico, está eivado pela audácia do historiador que almeja dar voz àqueles que muitas das vezes são silenciados por uma escrita deveras objetiva ao mesmo tempo em que se defende das acusações de relativização a partir do discurso das múltiplas verdades históricas. Tal audácia pode ser percebida na perspectiva de Robert Darnton a respeito da prática historiográfica: “O historiador certamente cria vida. Ele insufla vida no barro que escava dos arquivos. Também julga os mortos. (...) O historiador sabe, mas imperfeitamente, por meio de documentos obscuros, e com ajuda da insolência, brincando de ser Deus” (DARNTON, 2005: 199-200).

Se a lógica dos variados olhares e interpretações sobre um mesmo acontecimento são recorrentes nos escritos de historiadores, mostram-se mais latentes ainda no que convencionamos denominar de “calor dos acontecimentos”. Este “calor” é potencializado dependendo do tipo de acontecimento, como por exemplo, um conflito bélico de grandes proporções.

A partir de tal inflexão adentramos de fato em nossa discussão, isto é, quando falamos de uma guerra levada a cabo no século XIX na América do Sul como o foi a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), não podemos esquecer que aí estiveram em jogo aspectos que extrapolaram as características políticas e econômicas, isto é, ante um conflito que colocava em campos antagônicos nações recentemente surgidas, a construção

---

\* Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

<sup>1</sup> O termo “história” aqui empregado o é feito no mesmo sentido do utilizado por Michel de Certeau, isto é, “no sentido de historiografia. Quer dizer, entendo por história uma prática (uma disciplina), seu resultado (um discurso) e sua relação” (CERTEAU, 2006: 109).

discursiva da nacionalidade, da pátria, do sentimento de pertencimento a um território, foi algo que preencheu ambos os lados da guerra.

Nossa proposta de discussão tem tal ponto de partida, porém, transita para algo mais restrito que a guerra, ou seja, buscaremos focar um episódio mais específico: a Batalha Naval do Riachuelo. Tal embate, ocorrido entre as forças navais brasileira e paraguaia em 11 de junho de 1865, trouxe numerosos desdobramentos propagandísticos durante a guerra na imprensa paraguaia.

Curiosamente, tal data é comemorada até hoje pela Marinha do Brasil como sua Data Magna e rememorada, ano após ano, como a maior vitória naval brasileira de toda a sua história. Porém, nem mesmo uma batalha, acontecimento este, aparentemente, tão singular e objetivo, no qual dois lados se opõem belicamente e que ao final, teoricamente, só há um vencedor, consegue fugir da dinâmica subjetiva das variadas interpretações de um fato.

Nos periódicos que circulavam em Assunção e no *front* paraguaio durante o período da Guerra é possível visualizar a construção de um discurso que, curiosamente, proclamava uma vitória paraguaia naquele famoso 11 de junho de 1865. Logicamente não se pode deixar de ter mente que tais tipos de escrito, por estarem sob controle governamental, possuíam um caráter de elevação da moral paraguaia a fim de não esmorecer sua população que tinha acesso às informações do campo de batalha por tal meio.

Entretanto, independente dessa constatação, é notável como a vitória nessa batalha passou a ser reivindicada por ambos os lados e que a versão da imprensa paraguaia à época, repleta de intencionalidades, pode ser considerada bem construída sobre os fatos que se desenrolaram naquele 11 de junho, se levarmos em consideração que, possivelmente, era a única fonte de informação acessível à grande parte dos leitores paraguaios.

Assim, motivados por tais constructos discursivos destes periódicos no momento da guerra, que palpitam como destituídos de racionalidade aos leitores atuais, os quais vêm em Riachuelo uma incontestada vitória brasileira, seguiremos a discussão buscando dar sentido às vozes daqueles sujeitos que produziram tal material. Levaremos, contudo, a noção de que tais discursos não tratavam de reflexos da realidade, mas sim foram forjados por suas interpretações a partir das visões de mundo que cercavam aquelas pessoas, tendo em vista que tais “Relatos jornalísticos (...) transmitem a maneira com que seus contemporâneos

interpretavam os acontecimentos e encontravam algum sentido na confusão ruidosa e estonteante do mundo que os cercava” (DARNTON, 2010: 140).

A análise da imprensa paraguaia no período em lide não consiste em uma empreitada original, vários pesquisadores já o fizeram. Porém, ao postarmos nosso olhar sobre um ponto específico da guerra – a Batalha Naval do Riachuelo – trazemos nossa contribuição para um aspecto de tal conflito ainda não trabalhado, isto é, as apropriações de uma batalha considerada tão relevante pela Marinha do Brasil no decorrer de sua história por agentes que desenvolviam a propaganda de guerra promovida por Solano Lopez.

As versões brasileiras da Batalha Naval do Riachuelo, formuladas nos últimos cento e cinquenta anos são bem conhecidas no âmbito da historiografia militar brasileira, especialmente dentre aqueles historiadores que compõem os quadros da Marinha do Brasil. De certo modo tais constructos receberam no decorrer destes anos estatuto de “verdade histórica” consolidada através das narrativas que, quase sempre, se complementam e trazem poucas polêmicas a respeito dos acontecimentos desenrolados no Rio Paraná, às proximidades do Arroio Riachuelo, a 11 de junho de 1865.

Vários historiadores brasileiros chegaram a conclusões similares a respeito do confronto ocorrido naquele mês de junho de 1865 e considerado pela Marinha do Brasil como o principal episódio de sua história naval. Nossa seleção voltou-se, especialmente, para as abordagens dos seguintes autores: Francisco Doratioto (2002), Armando de Senna Bittencourt (2009: 253-300), Francisco Eduardo Alves de Almeida (2015: 54-73), Hernani Donato (2001), José Miguel Arias Neto (2015: 35-53) e Álvaro Pereira do Nascimento (2015: 84-95).

Apesar de possuírem problematizações diferentes da Batalha, de modo geral, a descrição factual do desenrolar dos acontecimentos, embasadas pela documentação e formuladas com esmerado cuidado metodológico, aponta que a Força Naval brasileira que participou do episódio, comandada pelo Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, tem como desfecho uma incontestável vitória da Marinha Imperial Brasileira.

Um fator pouco explorado a respeito do que é considerada a maior glória naval brasileira foi a repercussão gerada no universo paraguaio. Doratioto afirma que houve da parte do governo paraguaio uma clara ação no sentido de obscurecer à população de seu país os desastrosos resultados daquele 11 de junho: “O governo paraguaio procurou esconder da

população a extensão da derrota sofrida na Batalha do Riachuelo, e sequer liberou lista com os nomes dos mortos e feridos” (DORATIOTO, 2002: 152).

Não obstante tal constatação relativa à documentação paraguaia, quando nos debruçamos sobre a imprensa paraguaia do período da guerra, não se percebe uma tentativa de ocultação dos episódios decorridos na Batalha de Riachuelo, pelo contrário o que se esboça é uma versão extremamente destoante dos relatos encaminhados ao Brasil pelos combatentes brasileiros.

Por tal razão, a visão uníssona e inequívoca da vitória brasileira nem sempre foi a única versão acerca da Batalha Naval do Riachuelo. Logo após a Batalha e nos quatro anos que se seguiram, quem tivesse acesso às informações sobre aquele embate tão somente a partir dos periódicos que eram impressos em Assunção, Paso Pucú, San Fernando e Peripebuí, teria certeza que o resultado havia sido outro. A vitória da monumental batalha no Rio Paraná, de acordo com os órgãos de comunicação impressa daquele país teria sido das forças paraguaias, que apesar de terem sofrido pesadas perdas, teriam posto a força naval brasileira em fuga. Isto é, através da imprensa, que era totalmente ligada ao governo paraguaio, a derrota em Riachuelo transformou-se em uma gloriosa e sangrenta vitória.

Informações acerca da Batalha Naval do Riachuelo foram publicadas pela primeira vez na imprensa de Assunção no dia 17 de junho de 1865, ou seja, seis dias após os sangrentos combates no Rio Paraná. Não se sabe quantos dias demoraram para as informações ainda desconstruídas, talvez propositalmente, provenientes de Humaitá, a chegar aos colaboradores da imprensa oficial de Lopez na capital, na medida em que o *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles* era publicado apenas aos sábados.

Independente disso, o único periódico paraguaio à época, naquele 17 de junho, tratou do embate como uma notável ação paraguaia:

*Nueve vapores bajaron a combatir á la escuadra brasilera fuerte de diez vapores propiamente de guerra, incluso uno o dos blindados, que se cuentan por mejores de la armada imperial.*

(...)

*Nuestra flotilla pasó serenamente bajo los fuegos de la escuadra enemiga à ponerse más abajo, y en inteligencia con el Comandante Bruguez que sobre el Riachuelo había tomado posición con el 2º regimiento de artilleria a caballo.*

(...)

*En la mañana del 12 llegaron nuestros vapores en Humaitá á reparar sus avarias. El Capitán Mesa fué ferido (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).*

Diversos são os elementos que constituem o texto de modo a dar maior potencialidade às ações paraguaias que participaram da batalha. O primeiro deles é a ênfase do maior poderio bélico da Esquadra Brasileira, aumentando para dez o número de navios brasileiros, ao invés dos nove que participaram do enfrentamento, passando ao leitor a ideia de uma desproporção avassaladora de forças, a qual é reforçada alguns parágrafos adiante: “*Nuestra escuadrilla á pesar de la formidable desproporción con que se había batido con la escuadra enemiga, mayor en número de buques, en porte, en dotación, y elementos de combate sostuvo otra vez una defensa vigorosa por toda la tarde*” (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).

O uso das palavras também maximizava a desproporção, pois o embate era entre “*nuestra escuadrilla*” versus “*escuadra enemiga mayor*”, ao mesmo tempo a apresentação de uma luta defensiva reverberava o discurso de que a guerra seria um ato de defesa do Paraguai contra os desígnios imperialistas do Brasil. Tais recursos imprimiam ao relato da batalha uma heroicização dos defensores paraguaios.

Contudo o *Semanario* vai além da menção aos atos de bravura por parte de seus soldados e marinheiros e imprime uma interpretação dos resultados do confronto como favoráveis aos paraguaios:

*Pero ha sido tal el descalabro del enemigo que ni pensó en la persecución que pudo ejecutar sobre el resto de nuestra escuadrilla*  
(...)  
*El enemigo ha tenido pérdidas muy considerables*  
(...)  
*El día 11 de Junio será muy señalado entre los gloriosos de la Patria, porque en ese día hemos mostrado al mundo una vez más que somos dignos de la independencia que sostenemos contra el poder de un Imperio y de dos Repúblicas que se conjuran contra nosotros* (SEMENARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 17 de junho de 1865).

Assim, o fato de a Esquadra brasileira não ter imposto perseguição aos navios paraguaios foi apontado como um dos sinais do êxito paraguaio na Batalha. Segundo o articulista o triunfo muito se deveu às baterias de artilharia em terra que teriam posto o inimigo em estado de “*descalabro*”.

O *Semanario* constituiu-se, ao mesmo tempo, como o único periódico de notícias a circular no Paraguai durante os dois primeiros anos da guerra e como o porta-voz oficial do

governo de Solano Lopez. Tais fatores imprimiam ao *Semanario* vasto “poder simbólico” que transformava suas palavras em realidades e reconhecimento, isto é, possivelmente, graças à sua leitura exclusiva, grande parte de seus leitores tomava suas publicações e notícias a respeito da guerra como legítimas, de maneira similar ao que aponta Pierre Bourdieu:

*O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão de mundo, e deste modo, a acção sobre o mundo (...) só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (...) O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade daquele que as pronuncia (BOURDIEU, 2012: 14-15).*

Coadunada ao conceito durkheimiano de “conformismo lógico”, Bourdieu assinala que tal poder simbólico trata-se de um poder de construção da realidade que forja e é forjado pelo consenso de determinado grupo social. O uso da Batalha Naval do Riachuelo por parte do *Semanario* enquanto elemento de propaganda de guerra a favor dos paraguaios fabricava/reforçava uma realidade (cida) na qual os bravos paraguaios tinham êxito na guerra que se desenrolava.

Mais notícias a respeito do “*combate naval del 11 en el Riachuelo*” seriam publicadas no dia 24 de junho. Como forma de dar fidedignidade aos acontecimentos narrados, o *Semanario* informava que sua fonte tratava-se do “*Boletín de Campaña*”, passando a narrar de maneira pormenorizada os feitos paraguaios na Batalha. Apesar de apresentar uma série de equívocos e carecer de precisão em diversos dados, novamente se enfatizava a superioridade bélica da esquadra brasileira que os marinheiros paraguaios tiveram de enfrentar com seus navios improvisados. Apesar disso, o desfecho do embate teria sido desfavorável aos brasileiros:

*Nuestra pequeña escuadra ha obtenido un triunfo material y moral.*

*(...)*

*El triunfo del 11 está por nosotros.*

*Si, ellos no pueden gloriarse de haberlo conseguido. El triunfo se calcula por la pérdida material de los beligerantes. Toda nuestra escuadra valía menos que la mitad de la escuadra bloqueadora, y toda ella va completamente inutilizada y con una considerable perdida en su personal.*

*Hemos ganado en valor, en decisión, en bravura y heroísmo (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 24 de junho de 1865).*

Buscava-se com tais análises demonstrar um raciocínio lógico segundo o qual articulava alguns elementos para se chegar a uma constatação da vitória paraguaia em Riachuelo. Isto é, o argumento central era: mesmo tendo sido uma batalha renhida e sangrenta, os brasileiros saíram muito mais prejudicados do que era perceptível pelo simples fato de não ter conseguido perseguir a improvisada esquadra paraguaia: o que inferia uma vitória a nível material; além disso, diante de um inimigo absolutamente superior, os paraguaios não se atemorizaram e cumpriram sua missão: resultando uma vitória a nível moral. Desse modo o *Semanario* desenvolvia o seu papel de articular uma propaganda como forma de educação e convencimento, conforme aponta Domenach a respeito de tal característica:

*La propaganda por consiguiente, influye en la actitud fundamental del ser humano. En este sentido puede comparársela con la educación; pero las técnicas que emplea habitualmente y, sobre todo, su designio de convencer y subyugar, sin formar, la hacen su antítesis (DOMENACH, 1968: 6).*

Nas narrativas desenvolvidas no Brasil após a Batalha, levantou-se um panteão de heróis navais, destacando-se o Chefe Barroso, o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, cujas figuras heróicas foram constantemente reelaboradas no decorrer das décadas de acordo com os interesses institucionais<sup>2</sup>. Logicamente, o *status* heróico de tais sujeitos sustentou-se em grande medida pela vitória brasileira ao fim da Guerra. De maneira similar, a imprensa paraguaia no momento imediatamente posterior à Batalha também constituiu o relato a partir de um constructo épico, fazendo questão de apontar os feitos e mortes heróicas de vários de seus combatentes.

No dia 24 de junho de 1865, o *Semanario* apontaria nominalmente, e de modo extremamente elogioso, a constituição de um panteão heróico da Batalha. Dezenas de militares paraguaios foram apontados por sua bravura ou comportamento heróico, dentre eles: o Tenente Robles, comandante do *Marquês de Olinda*, que mesmo bastante ferido permaneceu lutando e não abandonou seu navio mesmo quando esse caiu sob domínio inimigo, decisão essa que “*honra altamente á la marina nacional*”; o Coronel Bruguez, que em terra fustigou severamente o inimigo; o “*valiente*” Cabo Machuca, da tripulação da

---

<sup>2</sup> Álvaro Nascimento faz uma interessante análise a respeito da trajetória de Marcílio Dias na Marinha do Brasil bem como de sua constituição como figura reverenciada e lembrada pedagogicamente (NASCIMENTO, 2015: 84-95).

*Taquari*, que foi o primeiro homem a abordar a *Belmonte*; De La Cruz Mereles, da tripulação da *Igurei*, que matou um oficial brasileiro que tentou arriar a bandeira paraguaia do referido navio; o Capitão Meza, que foi seriamente ferido; o Sargento Lúcio Leon que, com “*un tiro certero de fusil*” alvejou aquele que ferira o comandante Meza.

Após o enaltecimento pessoal, a matéria encerrava-se com a elevação daquela data como um marco que tornar-se-ia histórico: “*Debe pasar à la historia lleno de honor para nuestra marina la accion del 11 de Junio, en que ha enrojecido el agua del combate con la sangre de sus enemigos. (...) La jornada gloriosa del 11 de Junio siempre recordaremos con orgullo*”.

O enfoque no sacrifício dos combatentes paraguaios é outro ponto de destaque e de importante menção. Havia a necessidade de inserção dos que ainda estavam no campo de batalha - e da população paraguaia como um todo - da firme convicção de resistir até a morte. Ou seja, todo sacrifício pela pátria paraguaia não seria em vão, pois se constituía como um ato de glória pela defesa da República do Paraguai que estaria ameaçada de destruição pelo Império Brasileiro coligado a duas outras repúblicas.

Alguns historiadores afirmam que pouco mais de um ano após a Batalha Naval do Riachuelo, apesar de a guerra ainda estar em sua metade, ocorreu uma inversão radical na iniciativa ofensiva se comparado aos meses iniciais do conflito. Os aliados agora avançavam paulatinamente rumo ao território paraguaio, enquanto estes se defendiam de maneira bravia. Johansson afirma que a partir de 1866 a guerra adentrou em uma segunda fase que se estendeu até 1869, marcada pela entrada das tropas da Tríplice Aliança em território paraguaio onde “*el enfrentamiento se convirtió en una guerra de trincheras o de desgaste, solo alterada por grandes batallas con miles de muertos que no lograban modificar las líneas de combate*” (JOHANSSON, 2015: 503).

Entretanto, no aniversário de um ano da Batalha de Riachuelo, o *Semanario* voltaria a mencionar os feitos paraguaios e, a partir de 1867, teria seu coro reforçado pelos demais periódicos de trincheira criados naquele ano. Tais notícias, rememorando os feitos paraguaios de 11 e 13 de junho de 1865, visavam dar aos receptores de tais matérias, primordialmente os combatentes, um fôlego extra de elevação moral ante o imenso desafio de defender-se das forças da Tríplice Aliança e do desgaste da guerra.

Glória e sangue. Com estes elementos tão difundidos nas épicas narrativas bélicas é que tanto o *Semanario*, quanto seus novos companheiros de imprensa, *El Centinela* e *Cabichuí*, propuseram aos seus leitores a apreensão da guerra em sua totalidade e da Batalha Naval do Riachuelo em suas especificidades que a tornaram uma espécie de exemplo a todos os outros embates que ainda estavam por vir. O exacerbado número de mortes do lado paraguaio não era abordado com consternação, mas, pelo contrário, era apontado como marca do valor e da bravura guerreira dos paraguaios que seriam lembrados pelas gerações futuras, sendo lembrados nos anos subsequentes.

Um ano após a grande batalha ocorrida entre brasileiros e paraguaios no Rio Paraná, enquanto no Rio de Janeiro o Ministro da Marinha exultava a grande vitória brasileira alcançada “pelo ardor, pela intrepidez, pela coragem bizarra dos nossos patrícios” (MINISTÉRIO DA MARINHA, 1866: 14), em Assunção o *Semanario* também comemorava o aniversário deste episódio bélico:

*Un ano ha que las doradas puertas del templo de la gloria se abrieron al estrépito sonoro y magestuoso de las armas de la República*

(...)

*Así terminó el glorioso combate del día 11 de Junio de 1865 en el lugar denominado “Rincón del Riachuelo”, que si no nos dio el triunfo definitivo sobre la armada enemiga, inscribió, con indelebles caracteres en la historia de la Nación Paraguaya la acción más brillante y elocuente del valor marcial de sus hijos, que pasma de admiración al mundo guerrero.*

*La escuadra enemiga, que huyó vergonzosamente del campo de batalla (...)*

*Las glorias alcanzadas por la Nación Paraguaya en la acción, única en su género del 11 y 13 de junio y la sangre derramado de nuestros hermanos han construido el baluarte inexpugnable que ha detenido en los umbrales de la Patria á la formidable armada enemiga (SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 16 de junho de 1866).*

A linguagem utilizada pelo órgão oficial de imprensa do governo paraguaio um ano após ter noticiado pela primeira vez suas representações acerca de Riachuelo continua tendo três grandes linhas de raciocínio: (1) A força naval inimiga é rememorada como muito mais poderosa a nível bélico; (2) A bravura dos paraguaios é louvada como elemento preponderante para o desfecho do embate, ao mesmo tempo em que a glória do episódio é dada ao “*invicto Mariscal Lopez*”; (3) A soma dos acontecimentos de 11 e 13 de junho representava um memorável triunfo paraguaio, na medida em que a esquadra imperial, ao não ter prosseguido rumo à Humaitá, teria fugido “*vergonzosamente del campo de batalla*”.

O elemento de celebração evocado pela imprensa de trincheira paraguaia cumpria um procedimento similar ao utilizado por diversos periódicos de países em guerra durante o século XIX, que era o da comemoração de determinado feito na data de seu aniversário. Esse elemento, na realidade, constituiu-se como aspecto indispensável da formação dos Estados Nacionais modernos e ganhou consistência e significado no Ocidente principalmente após a Revolução Francesa, quando se passou a comemorar em rituais cívicos ou em alguma espécie de materialização (impressos, esculturas, monumentos, pinturas, etc.) os momentos selecionados para representarem elos de determinada nacionalidade a uma comunidade.

De acordo com Paul Ricoeur, a comemoração se insere no grande espectro de uma memória exercitada, cujo reforço é compreendido em um hábito ritualístico que visa ser apontada como uma lembrança relevante à coletividade, em que

*não há efetuação ritual sem a evocação de um mito que orienta a lembrança para o que é digno de ser comemorado. As comemorações, são assim, espécies de evocações, no sentido de reatualização, eventos fundadores apoiados pelo “chamado” a lembrar-se que soleniza a cerimônia (RICOEUR, 2007: 60).*

Nesse sentido, as comemorações da Batalha Naval do Riachuelo na imprensa controlada pelo governo de Lopez traziam em seu cerne a reatualização dos combates ocorridos em 1865 como dignos de serem mitificados enquanto um momento solene da história paraguaia, mas que iam além do mero caráter memorialístico, pois no contexto da guerra, possuíam o utilitarismo de servir de exemplo e motivação.

Essa função cívico-pedagógica-bélica presente no *Semanario* seria bastante reforçada com o surgimento de outros jornais. Apesar de apresentarem uma linguagem muito mais coloquial e próxima à oral, o *El Centinela* e o *Cabichuí* também se juntaram ao coro das comemorações do aniversário da Batalha Naval do Riachuelo em tons triunfalistas.

A exaltação da memória de Riachuelo, além de ser um elemento de inspiração à resistência, também incidia sobre uma das principais ameaças inimigas que era a Esquadra Imperial brasileira. Diante da poderosa ameaça que subia o rio rumo a Assunção, se fazia necessário demonstrar aos defensores das fortalezas às margens das vias fluviais que seria possível conter o inimigo, e a evocação dos feitos paraguaios em Riachuelo pela imprensa tinha essa intenção, haja vista que seu discurso representava a força naval brasileira como ineficiente e operada por homens sem brios e covardes.

No mesmo dia em que Assunção tinha acesso às homenagens prestadas pelo *El Centinela* aos marinheiros e soldados que combateram em Riachuelo dois anos antes, no acampamento de Paso Pucú, o *Cabichuí* era distribuído aos soldados louvando as ações militares de 11 e 13 de junho de 1865:

*Los hijos de esta tierra de libres festejarán de generación a generación la imponente memoria de tan brillantes jornadas; y en ellas con religiosa veneración aspirarán siempre el espíritu sobre-humano del entusiasmo y amor nacional, que los hace vencedores y invencibles de fuerzas tan colosales (CABICHUÍ, Paso Pucú, 13 de junho de 1867).*

Novamente se faz presente a conexão dos acontecimentos de 11 e 13 de junho, além da sugestão de uma vitória paraguaia como resultado dos combates ocorridos naqueles dias. Somado a isso, outro aspecto recorrente, principalmente no *El Centinela* e no *Cabichuí* é a exaltação do espírito guerreiro paraguaio que tinha por antítese inimigos ridicularizados.

Diversas vezes os combatentes da Tríplice Aliança são apontados nestes jornais como covardes, fracos, estúpidos e inábeis guerreiros. De modo proposital o tom satírico era bastante recorrente e aliado a ele estava a informalidade do texto. Enquanto o *El Centinela* afirmava que “*los amilanados negros (...) aturdidos no podían hacer uso de la formidable armada*” (*EL CENTINELA*, Assunção, 13 de junho de 1867), o *Cabichuí* apontava “*o oprobio (...) que há recojido esa cobarde y miserable armada de esclavos*” que estava sob “*el infame trapo auri-verde*” (*CABICHUÍ*, Paso Pucú, 13 de junho de 1867).

Tal construção de um discurso racial a respeito dos combatentes brasileiros, retratados como negros/escravos pelos jornais de Assunção é bastante conhecida. Além dos aspectos relacionados à tentativa de apresentar o inimigo como inferior a partir de teorias racialistas do período, havia também o forte ensejo de demonstrar que em uma luta que postava, supostamente, escravos<sup>3</sup> e homens livres em oposição no campo de batalha, claramente os dotes morais e guerreiros mais louváveis estariam do lado dos homens livres da República paraguaia.

No final de 1867, o *El Centinela* assim se referiria em tons de escárnio às forças brasileiras (fazendo menção à Batalha Naval do Riachuelo): “*Con que fuerzas nos combate el*

---

<sup>3</sup> De acordo com Izecksohn, no período imperial “Apesar da forte presença de negros e mestiços nas fileiras, o serviço militar brasileiro não era aberto a escravos”; o mesmo autor aponta que parte dos elementos que compuseram as forças armadas brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai era formada por negros que haviam sido alforriados para tal (IZECKSOHN, 2015: 96-110).

*enemigo? Son acaso los negros esclavos que asaltamos en Coimbra y Corumbá, ó los imbeciles marinos que en Riachuelo avanzamos y derrotamos con nuestras celebres chatas y vaporcillos mercantes?” (EL CENTINELA, Assunção, 05 de dezembro de 1867).*

Isto é, ao apresentar as fileiras inimigas compostas por escravos negros e marinheiros imbecis, os quais, apesar do grande potencial bélico, não tinham hombridade nem capacidade intelectual para usar tal potencial, tais periódicos intentavam dar fôlego em uma guerra que já chegava à exaustão àqueles que, por sua vez, eram representados como bravos e heróicos: os combatentes paraguaios.

Em junho de 1868, novamente o *Cabichuí*, agora publicado em San Fernando após a retirada das tropas paraguaias do acampamento de Paso Pucú, faria menção à memorável batalha naval de 1865 recordando

*El inmortal suceso del “Riachuelo” en que la intrepidez y bravura de nuestros marinos y artilleros de tierra han elevado el nombre paraguayo*

*(...)*

*Tres años ha que ocho sutiles embarcaciones con algunos lanchones armados cayeron sobre la poderosa escuadra enemiga*

*(...)*

*El 11 y 13 de Junio es el primer laurel que sirve de base a tantos otros que sucedieron después y que hoy forman la corona de gloria que orna la sien de la Patria (CABICHUÍ, San Fernando, 15 de junho de 1868).*

No mês seguinte Humaitá seria tomada pelas forças da Tríplice Aliança, sucesso militar que em uma visão retrospectiva representou o começo do fim da guerra, pois seis meses depois, após uma série de derrotas paraguaias no mês de dezembro de 1868, Assunção seria tomada e Solano Lopez fugiria para o norte do país, dando início à fase final do conflito. Em julho de 1869, a imprensa de trincheira paraguaia desapareceu com a publicação do último número do ‘*La Estrella*’ em Peribebuí, e juntamente com ela as representações acerca de uma Batalha Naval do Riachuelo vencida por forças paraguaias.

Não obstante, cabe ao historiador estar atento aos sussurros das fontes documentais que ele questiona e a partir das quais aponta seus problemas. Quantas realidades são construídas a partir das apropriações de determinados eventos? A Batalha Naval do Riachuelo pode ser inquirida como um desses momentos, hoje vista inquestionavelmente e acertadamente como um dos maiores enfrentamentos navais da América com um resultado favorável a Esquadra Imperial brasileira.

Entretanto, não se pode perder de vista que em algum lugar, durante algum tempo e em determinados meios de difusão de informações, o vencedor da Batalha daquele domingo (e da terça-feira que se seguiu) foi outro. Ante o brado de “Glória aos vencedores. Glória ao Brasil” (SEMANA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1865) ecoado no Rio de Janeiro através da Semana Ilustrada de 09 de julho de 1865, havia outro brado em Assunção enaltecendo, no idioma espanhol, um vencedor diverso: “*El triunfo del 11 está por nosotros. (...) La jornada gloriosa del 11 de Junio siempre recordaremos con orgullo*” (EL SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES, Assunção, 24 de junho de 1865).

Foi nosso intento apontar como discursos tão díspares e antagônicos acerca dos acontecimentos bélicos de junho de 1865 no Rio Paraná se fizeram possíveis. Por mais que todos os indícios e documentos demonstrem que o vencedor em Riachuelo foi a força naval brasileira comandada por Francisco Manoel Barroso, uma outra narrativa da parte da imprensa paraguaia do período da guerra foi produzida, reiterada e comemorativamente reforçada, criando uma realidade com um desfecho alternativo.

Ora, para muitos dos leitores, e porque não dizer também articulistas, do *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, do *El Centinela* e do *Cabichuí*, o triunfo e a glória de Riachuelo pertenceram aos marinheiros e soldados paraguaios que participaram das refregas de 11 e 13 de junho.

Isso não significa que tal versão dos acontecimentos possa ser tomada como uma variante plausível dos acontecimentos, isto é, a vitória paraguaia em Riachuelo não possui base documental à historiografia. Em concórdia com Robert Darnton, os historiadores devem aprender que, independente de qual seja sua origem, “a notícia [publicada em jornais] não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu” (DARNTON, 2010: 17).

Apesar disso, uma realidade formatada a partir de um discurso que se utilizou de seu poder simbólico não pode ser ignorada pelos historiadores. A propaganda de guerra concebida pelos partidários de Lopez da “*Imprenta del Estado*” e da “*Imprenta del Ejército*” entre os anos de 1864 a 1869, constitui-se como um elemento de extrema relevância à história militar da América do Sul.

Nossa análise demonstrou, muito além das intencionalidades presentes nos discursos sobre Riachuelo paridos pelas prensas paraguaias, de que maneira uma guerra tão

sangrenta como a da Tríplice Aliança contra o Paraguai expandiu suas armas para universos que iam além do uso de canhões, navios, fuzis, lanças e espadas. A imprensa, totalmente controlada pelo governo de Solano Lopez, tornou-se um instrumento de guerra, extremamente valorizado pelo presidente do Paraguai, cuja propaganda sobre um passado recente tinha interesses em ações futuras.

Isto é, além de forjar uma vitória paraguaia em Riachuelo, os periódicos paraguaios de trincheira construíram uma série de representações sobre outros elementos da guerra, tais como o povo paraguaio e seu líder, as tropas inimigas e seus comandantes. Esses constructos visavam mais que uma mera glorificação de feitos guerreiros, pois lançava aos seus leitores cidadãos-soldados um desafio de manterem-se firmes e inabaláveis diante de tão repulsivos inimigos.

A imprensa sob os auspícios de Francisco Solano Lopez se constituiu desse modo, como armas de uma guerra total. Não foi à toa o ensejo dos articulistas do *El Centinela* e do *Cabichuí* em identificar tais periódicos como soldados que reforçavam as linhas paraguaias. Chegando a este ponto, cremos que alcançamos nosso intento na nossa busca por perceber de que modo as representações da imprensa de trincheira paraguaia sobre a Batalha Naval do Riachuelo têm relevância historiográfica na compreensão do conflito.

## BIBLIOGRAFIA

### Periódicos:

- 
- Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br>):  
*‘El Centinela’*, Assunção, 1867.  
*‘Semana Ilustrada’*, Rio de Janeiro, 1865-1868.  
*‘Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles’*, Assunção, 1865-1866.
  - Biblioteca Nacional do Paraguai – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai (<http://bibliotecanacional.gov.py>):  
*‘Cabichuí’*, Paso Pucú / San Fernando, 1867-1868.

### Livros e artigos:

---

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Riachuelo: uma batalha de controvérsias. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 54-73.
- \_\_\_\_\_. A Batalha Naval do Riachuelo: uma visão micro-histórica. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 2, nº 3. JUN-2006. pp. 73-84.
- ARIAS NETO, José Miguel. Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 35-53.
- BITTENCOURT, Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Orgs.). **Guerra no mar**: batalhas e campanhas navais que mudaram a história. Rio de Janeiro: Record, 2009. pp. 253-300.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. **Relatório do ano de 1865 apresentado à Assembleia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Francisco de Paula Silveira Lobo**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1866.
- CENTURION, Juan Crisostomo. **Memorias del coronel Juan Crisostomo Centurion ó sean, Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay**. Tomo Segundo. Buenos Aires: Imprenta de Obras, 1894.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

- \_\_\_\_\_. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOMENACH, Jean-Marie. **La propaganda política**. Buenos Aires: EUDEBA, 1968.
- DONATO, Hernani. **Dicionário das Batalhas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ESCOBAR, Ticio. **Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay**. Asunción: Centro Cultural Paraguayo Americano, 1982.
- FARINA, Bernardo Neri. **El periodismo de guerra**. Asunción: El Lector, 2013.
- IZECKSOHN, Vitor. O recrutamento de libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 96-110.
- JOHANSSON, María Lucrecia. El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional em la prensa de guerra paraguaya (1867-1868). In. RODRIGUES, Fernando da Silva & PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana**: a Guerra do Paraguai sob novos olhares. Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 501-531.
- MAYANS, Miguel Angel Pratt. **Condecoraciones Y Medallas de las Guerras del Paraguay**. Asunción: El Autor, 2007.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. O marinheiro negro Marcílio Dias: as muitas memórias de um cidadão exemplar. In. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, nº 21. JUN-2015. pp. 84-95.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A Evolução tecnológica no setor naval na segunda metade do século XIX e as consequências para a Marinha do Brasil. In. **Revista Marítima Brasileira**. V. 120/N.10- 12. Rio de Janeiro, out/dez 2000. pp. 131-197.